

RESENHA

ELIS, Bernardo. **O tronco**. São Paulo. Editora: José Olympio, 1974. 300 p.

AUTOR – UFT – Araguaína – Tocantins – Brasil

Email: Miranda.shimasaki@mail.uft.edu.br

O Tronco foi o primeiro romance a ser escrito pelo goiano Bernardo Élis (1915-2015) ainda em 1956. Ele se tornou o primeiro e único escritor goiano a ingressar na Academia Brasileira de Letras. De uma família tradicional de Goiás, Élis atentou-se a literatura e aos causos regionais. A saga do Tronco é sem dúvida uma das literaturas tocaninense importante, sendo uma das principais obras literárias do Tocantins até os dias de hoje. O desenrolar da história aconteceu no norte de Goiás, no município de Dianópolis. Por sua representatividade e pela representatividade de sua família Élis teria fácil acesso as informações e os contextos vindos do Norte de Goiás, além de tudo, o autor conhecia a região em seus mais diversos aspectos, físicos, sociais e políticos, o que funcionou como base para a escrita da obra.

O livro conta os causos vividos pelos povos que habitavam o norte de Goiás e as relações com o governo que localizava-se no sul do estado, na antiga Vila Boa, atual cidade de Goiás, e as ações do mesmo a respeito das políticas para o norte. Esta era vistas pelos nortenses historicamente como uma política exploratória, além de tudo, destaca-se o coronelismo como o grande foco da obra. Os relatos sobre a saga dos coronéis de Dianópolis que resultaram conseqüentemente em conflitos armados. A dedicatória do livro resume superficialmente o que foi a saga dos coronéis do norte de Goiás, quando Élis diz, “aos humildes vaqueiros, jagunços, soldados, homens, mulheres e meninos sertanejos mortos nas lutas dos coronéis e que não tiveram sequer uma sepultura”. (ÉLIS,1956).

A narrativa se passava na vila do Duro, atual cidade Dianópolis-TO. Relata os intensos conflitos entre os coronéis do norte de Goiás e os grandes fazendeiros do sul de Goiás que tinham o governo como seu grande aliado, uma vez contando com apoio

governamental, os fazendeiros possuíam a sua disposição as forças militares. Já os coronéis do norte de Goiás contavam com a força de combate os seus jagunços.

O coletor de impostos Vicente Lemos foi constituído no norte pelo governo goiano e teria como responsabilidade manter os interesses do governo de Goiás, interesses que estavam implícitos o desejo de combater e quebrar os domínios da família do Coronel Pedro Melo. A família Melo possuía grande representatividade na região e, politicamente, era representada por Arthur Melo, que já teria ocupado um grande cargo político, como deputado no governo de Goiás.

Os Melos insatisfeitos com a presença de Vicente Lemos, e principalmente com o testamento da viúva ordenaram que jagunços queimassem a coletoria. Este tornou-se um insulto ao governo de Goiás que reagiu enviando tropas afim de que restituíssem os poderes do governo. Os mandos foram desecatados pelos Melos e travou-se uma batalha entre as forças militares do estado e os grupos armados de jagunços comandada pelo coronel e seu filho. O Tronco, objeto de tortura utilizado pelos antigos senhores de escravos, também serviu para aprisionar os membros da família Melo, impedindo-os de articularem os conflitos armados e seus homens, para conseqüentemente provocar a rendição dos jagunços. Arthur Melo conseguiu escapar dos soldados e organiza uma represália as tropas do governo, juntamente com seus jagunços. O principal líder enviado pelo governo goiano juntamente com os militares fugiram deixando a vila do Duro em meio ao fogo cruzado, entre jagunços e militares.

A obra destaca as antigas relações dos poderes agrários e governamentais, a força do coronelismo, agindo até mesmo contra o governo e as forças armadas federais, tudo isso movido pelo interesse em particular de grandes famílias e grandes senhores, aliciando o povo sofrido do sertão para lutarem e darem a vida pelos seus interesses e ambições.

Na obra o autor retorta bem seus conhecimentos dos aspectos físicos locais, como vegetação e paisagens. Além de compreender as populações locais, o povo, em suas maneiras de viver e falar, o povo sertanejo. A linguística utilizada por Élis é simples e compreensível, variando de acordo com quem estar fazendo parte dos diálogos. Os aspectos da paisagens são bastante explorados mesmo em meio ao cenário de barbárie que se passa na narrativa da obra.

Matheus Miranda Shimasaki – Graduando em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins.

Recebido para publicação em 28 de fevereiro de 2019.

Aceito para publicação em 05 de março de 2019.

Publicado 18 de março de 2019.